SONETO. V.

QVal Hercules estrella jàa mudado
Que qu ando se quer pòr ao tempo certo
Cabeça, & corpo todo jâacuberto,
Fica soò pellos peès dependurado.
Tal c'hũa graue dòr, graue cuidado
Que o coração me têm de todo aberto
Perdida a razão jàa, de meu fim perto
Me vejo agora em semelhante estado.
Mas ay paixão penosa, que allem passas
Que este enfim não bê sempre no Ceo visto,
Ainda que dos pees se ponha tarde.
E tu como meu mal, & morte traças
Es qual a mão do filho de Calisto,
Que em todo tẽpo ao mar scintilla, & arde.

SONETO.

SONETO. VI.

Val naufragante mifero que cae
Da rota barca no ſoberbo pego,
Elidãdo c'os braços ſem ſoſcego
A cada onda recea que deſmae.
Tal, ſem ter jaá lugar onde ſe eſprae
Neſte mar de meu mal, canſado & cego
Ando, aqui deſfalleço alli me anego
E á cada encontro ſeu alma me ſae.
Em meyo de mil barcas clamo, & brado
Me lanſem por piedade hũ cabo forte,
Mas â ninguem magòa meu cuidado.
Ah' não queyraes que vida tal ſe corte
Que ſe vida me daes, ganhaes dobrado
Liurando muytas vidas de hũa morte.

SONETO.

SONETO. VII.

NO Rio Eufrate, hũa erua, ou flor
se cria
q̃ co Sol sobre as agoas apparece
E dẽtro se recolhe, & se ẽtristece
Quando no largo mar se esconde o dia.
A vista de meu Sol ledo me via
Fora do rio, que dos olhos crece
Agora que meu Sol não me amanhece
Entre lagrimas viuo em noyte fria.
Mas desta flor o triste estado he breue
Tras noyte manhaã tem, ay de quem chora
Contando noytes, sem que hum dia conte.
O Sol jaâ por milagre quedo esteue
Tambem parou meu Sol, mas par ou fora,
Para noyte sem fim de meu Orisonte.

SONETO.

SONETO. VIII.

DA virtude que moue os Ceos depende
Todo o bem, toda a gloria, & ser da terra,
E se hũ bora faltasse, o valle, a serra
A flor, o fruyto, a fonte, o rio offende.
Esse braço que amor de longe estende
Para esta almam, eu ser, & vida encerra
E se algũ bora Amor della o desterra
Que gloria mais que vida ou ser pretende.
Mas nem hâ de faltar essa virtude
Se não co mundo, nem faltarme agora
Vosso Amor ate morte me assigura.
Então para que nunca mais se mude
Se mudarà, & mudarse Amor nessa bora
Serâ para outro Amor que sempre dura.

SONETO.

SONETO. V.

Anſado ao pee de hũ monte, onde rebenta
Hũ rio, q̃ ao maisalto vae corrẽdo
Hũ eſtrago de fogo eſtaua vendo
Que quaſi morto em cinzas ſe ſuſtenta.
Eis quando hũ Aue chega, & tão iſenta
As azas ſobre as cinzas vem batendo
que acende o fogo, & vae o monte ardendo
Mas cadaues o rio ſe acrecenta.
Deſpois de ter o mal, & o dano certo,
Voando para mi lilhe no bico,
Em quanto vento ouuer viuira a fragoa.
Dezejei de a tomar vendoa tão perto
Eſtendo a mão, mas com as pennas fiço,
Fugio, & eu cai no fogo, & nagoa.

SONETO.

SONETO X.

Vaes no Soberbo mar à Nao que cansa
Lidãdo còs assaltos da onda, & vento
Os Ebalios Irmãos do Ethereo assento
Lhe confirmão do porto a esperança.
Tal vossa vista ao tempo, que se alcansa
Desta, que não tem mor contentamento
No mar de meu cuidado, & meu tormento
Mil esperanças cria de bonança.
Comparação conforme a causa vfana
Pois quãdo hũ me apparece, outro se escõde
Como no Ceo faz hũa, & outra estrella.
Iguaes tambem no Amor que em vos responde
Tambem no desamor da Irmãa Troyana
Que ambos vos conjuraes em odio della.

SONETO.

SONETO. XI.

Lá nhũa estranha, & solitaria terra
De gente, & nação barbara habitada
O metal nobre não se estima em nada
Que embalde seu valor, & preço encerra.
Ouro, com que se arrea, & moue guerra
A corações, a Dama delicada
Serue là de grilhão, que em apertada
Corrente, â malfeytores fecha, & cerra.
Naçe esta confusaõ, & differença
Do muyto que buns o seu valor alcansão,
E do pouco, que de outros se conhece.
Iulguem do Sol, & sua gloria immensa
Os olhos d'Aguia, àa que todos cansão
Que sò para taes olhos resplandece.

SONETO. XII.

A hũ Doctor lente declarando hũa materia escura.

En la noche el camino de horror lleno
El Sol hermoso le haze quando viene,
El Alpe fiero mansedumbre tiene
Despues que le ha passado el fiero Peno.
El brauo mar de mansedumbre ageno,
A quien saña y furor solo conuiene,
En el ya qualquier arbol se detiene
Despues del Argonauta, y del Tyrreno.
Camino hezisteya, do no lo auia
A la materia informe forma diste
Y diste vida à la materia muerta.
Con la lengua su parto adorna y viste,
El osso, y el Leon al tercer dia,
Con bramidos del sueño le despierta.

SONETO.

SONETO. XXI.

As Reliquias de S. Cruz de Coimbra.

Aquella Aguia gentil de viſta eſtranha
A Chriſto vio, co a mão de eſtrellas cheа
Solicito, qual anda o que ſemea
C'os olhos longos no que ao longe apanha.
Laurador foy no mundo, & cõ tamanha
Sede, que inda de laâ fruyto grangea
Mas ay ſenhor em terra, & triſte area
Mal eſtrellas ſe dão, pouco ſe ganha.
Bem ſabe Chriſto o que ſemea, & onde
As viuas mortes são de mortas vidas
Que oje neſte ſagrado templo eſconde,
Eſtrellas, que de carne eſtão viſtidas
A quem ſemea ſeu valor reſponde,
E bem, donde as ſemea merecidas.

SONETO.

SONETO. XXII.

Ao meſmo.

Rico Almazem, que Deos eſtima, & preza
Maes forte, que o poder do inferno forte
Bẽte armas, de hũa morte, & deoutra morte
Para qualquer encõtro, & braua empreza.
Arma ſe o fraco cà de fortaleza
Para que aſsi reſiſta ao duro corte
Mas Deos ſempre peleja d'outra ſorte
Cobrindo o forte de mortal fraqueza.
Vzou co inferno deſte proprio modo
Iſcando o anzol da natureza ſua,
Co a noſſa, & foy ſe o peçe tras o engano.
Eco as armas da carne rota, & nua
Dos Martyres, venceo o mundo todo,
Oje em ti as poem para ſocorro humano.

SONETO.

SONETO, XXIX.

Que mal hê este meu tão differente,
Não he dos males grandes natureza
Ou se acabarem logo sem firmeza
Ou acabarem logo a quem os sente?
Seu natural custume não consente
Minha ventura, pois minha fraqueza
Como dura: do mal tem fortaleza
Por mais tempo sentir meu acidente.
Sou qual Phenix que morre e resucita
Ou como Prometheo que là se queixa,
E por sentir mais dor se não consume.
Não dizem que o custume, & tempo incita
A não sentirse ador: tê nisto deixa
O tempo, & o custume seu custume.

SONETO. XXX.

Quando auezes ami, por mi pergunto
Quem fuy responde que me não conhecè
Com não ser, de quem sou medesconhece
Etẽ me por defunto, o jaà defunto.
Elle chorame a mi, por elle ajunto
Com elle minhas lagrimas, & creçè
Hũa com outra dor, pois se offereçe
Chorarẽ quem jaá fuy, & quem sou junto.
Choro porque o não vejo qual o via,
Elle porque me veè, qual veê chora,
De mi, & delle soò lagrimas hàa.
Espero por hũ dia, cadadia
Que ou acabe de ser quem sou agora
Ou acabe o lembrarme qnem fuy jaâ.

SONETO.

SONETO. XXXI.

Fujo de mi, quando me não precato
Sem querer outraues me acho commigo,
Tenho me por ſoſpeyto, & inimigo
E commigo perpetua guerra trato.
Entrando em mi deſtruo, prendo, & mato,
Mas eu quando me vejo em tal pirigo
Contra mi me leuanto, & me perſigo
A ferro, & ſangue ſem querer contrato.
Por mi tenho os ſentidos, que me acodem
A razão co a vontade, & co amemoria
Suſtentão contra mi outro partido.
Ay ciuil guerra ſem deſpojo, & gloria
Onde os que podem mais contra ſi podem,
Onde o que hè vencedor fica vencido.

SONETO. XXXII.

Ao Reytor Antonio de Mendoça.

Famoso Alcides, que nos hombros altos
Esta soberba machina sustentas
E de Atlante a pessoa representas
Que nunca de virtude os achou faltos.
Seguros sem temor, sem sobresaltos
Andem quantos por teus experimentas,
Que apezar de mil horridas tormentas,
Resistirã comtigo â seus assaltos.
Com taes hombros soster o mundo podes
E se oje te detens neste trabalho
Hê hũ ensayo para mores cousas.
Que como à todo pezo sempre acodes
E vas subindo acima por atalho
Para cansares mais, aqui repousas.

SONETO.

SONETO. XXXIII.

Nunca se vio tão duro coração
Que sentindo chorar não distillasse
Lagrimas feruorosas, nem mostrasse
Que tinha do que via compaixão.
Não espalhou Orpheo seus ays em vão
Mas antes acabarâ que chorasse
E que outro nouo pranto leuantasse
Quem nunca se doera de afflicão.
Comorão chorarà com larga vea
Meu mal quẽ mo causou, & pouco o estima,
Pois chorallo te veè tão tristemente.
Sendo muy natural que mais lastima
Quem chora como sua a pena alhea,
Que quem a pena propria chora, & sente.

SONETO. XXXIIII.

Buſcando ando ventura, & não dou nella
A tudo ſoò por ella me auenturo
Mas por mais q̃ acho tudo, em vão procuro
Que ſoò de tudo, em tudo me falta ella.
Se para vela vêlo, tambem vella
Evae de mi fugindo pello eſcuro,
Eu pello eſcuro a ſigo aſas ſeguro
Como quem a não tem para per della.
Mas ay que digo como não conheço
A ventura que ſem ventura alcanço
Que mor ventura que não ter ventura.
Fora ventura então de pouco preço
E tempo, mas faltando á meu deſcanſo
Achei ventura em vos, que ſempre dura.

SONETO.

SONETO. XXXVII.

Menos sente o não ver quem cego nasce
Que aquelle, que depois deter gosado
A frescura do rio, fonte, & prado
Nesta belleza os olhos jâa não pasce.
Menos, o que não vio abella face
Da fortuna, que quem aleuantado
No mais alto, caiò daquelle estado
Não temendo que esquiua se mostrasse.
Mas com tudo não sente tanto o cego
Que jà viò, o não ver, nem sente asi
O que já rico, foy verse em pobreza.
Como eu, & tanto mais nisto me emprego,
Quanto mor hè obem em que me vij
Que a vista de seus olhos, & a riqueza.

SONETO.

SONETO. XXXVIII.

Ao Reytor Antonio de Mendonça.

Seguro estado da cidade, & gente
Quando aos que nelle tem gouerno, & mãdo
Lho vae de tempo à tempo variando
E durarlhe co a vida não consente.
Seguro, que se dana este presente
Melhor ao longe o està prognosticando,
Com este se foy Roma dilatando
E perdendoo, perderse inda oje sente.
Tal foy o destas inclytas Athenas,
Antes que por senhor vos alcancassem
Mas oje o sentem pello bem que adorão.
Que como deste modo melhoressem
Suas cousas, â grandes de pequenas
Chegando agora ao cabo, o fim lhe chorão.

SONETO.

SONETO. XXXIX.

Argos para outras couſas, Polyphemo
Sòo para eſta, deſpois que a noyte abraça
Que aſtuto caçador da ſurda caça
Que Serea te pos em tanto eſtremo.
Torna mancebo em ti que a vida temo
Te ſeja a ſombra deſte teyxo eſcaſſa,
Ou qual figueira ao touro te desfaca
O luſtre, o brio, o teu valor ſupremo.
Deixa ſeco, & ſem gloria otronco verde
Com ſeus torcidos noòs abranca era
Eſte de honra, ſer vida, te deſpoja.
Porque deſpois não digas quem ſoubera?
O nome funeral de quem te perde
Se ouſa a lingua dizello aqui ſe arroja.

SONETO.

SONETO. XXXX.

Nhũ ſeco ramo, nũ de fruyto, & folha,
Hũa queixoſa rola geme, & ſente
Do caſto minho ſeu parceiro auſente,
E vello a cada ſombra ſe lhe antolha.
Dalli dece a hũa fonte onde recolha
Algũ alento, & porque não conſente
Ador ver agoa clara, juntamente
A enuolue cos pees, & o bico molha.
Se auſencia, & amor ſentida a rolatem
Que nem de auſencia, nem de amor conheçe
Em quem peſar nem ſentimento cabe.
Que farão em quem ſente o que padeçe
Quem de ſeu mal conheçe, & de ſeu bem,
Temo que venha á não ſentir, & a çabe.

SONETO.

SONETO. XXXXI.

Quando as ceruleas ondas no mar alto
Co abranda viração quieto, & manso
Que empollandose vão de lanso, em lanso
Prognostição dos ventos brauo assalto.
Os Delphins com ligeiro, & leue salto
Buscão do melhor porto o mor descanso
Passando a tempestade em seu remanso
Ia liures de temor, & sobresalto.
O brauo mar, hè este brauo mundo,
Os Delphins, todos nos que nelle andamos
As religiẽos, seguros mansos portos.
Para elles deste mar nos acolhamos,
Antes que em seu abismo alto, & profundo
Cobrados fiquemos, despoys mortos.

SONETO.

SONETO. XXXXII.

Day me razão Baptista, que conclua
Porque sois voz, que no deserto brada
Se Deos tem jâ sua palaura dada
De à seu filho chamar palaura sua.
E não hê bem que se vos atribua
Nome que à Deos para seu filho agrada,
Quanto hũa confição desenganada
Obrou, temo esta voz tanto destrua.
Ah' quanto hè seu officio à voz conforme,
Desperta a voz, mas a palaura falla,
Miluezes cõ quem dorme vsamos isto.
Vem Deos fallar co Mundo, & porque dorme
Primeyro a voz lhe manda que o aballa,
O Baptista desperta, & falla Christo.

SONETO.

SONETO. XXXXIII.

De hũa grande Rainha do Oriente
Cante a fama por quanto o Sol rodea
Que ao grande Salamão Rey de Iudea
trouxe a planta do balsamo em presente.
Hũ balsamo melhor maes excellente
Outra maior Rainha nos grangea
Para curar hũa ferida fea
Que o Mundo tem na parte que maes sente.
Na face esta ferido, & faz jàa termo
Traz lhe Maria o balsamo diuino
Do mesmo Deos em nossa humanidade.
E como acode o medico ao enfermo
Antes que no seteno perca o tino,
Co este remedio vem na sexta idade.

SONETO. XXXXIIII.

Do fundo sobe do mar Indo a cima
A recolher o orualho a concha, & nella
Despois que pouco á pouco se congella
A perola nos dá de tanta estima.
Oje, despois que o Ceo choueò de cima,
O rico orualho, aquellà conha, aquella
Diuina humana, maes que todas bella
O mundo pobre com seu parto anima.
Mas ay que a concha aberta o orualho fino
Recebe, & em pedra dâ, porem Maria
De outra inuẽcão, & modo extraordinario.
E como vem tão pobre este minino?
Vem tosca pedra, & seu preço, & valia
Sòo conhece o discreto lapidario.

SONETO.

SONETO. XXXXV.

Eccos de minhas glorias, que ficastes
Nos valles, onde forão sepultadas
Pois morrerã sem tempo malograda,
Porque com ellas não vos sepultastes?
Se como à brados de Leão cuydastes
Que poderiã ser resuscitadas
São vozes essas no deserto dadas
Que a conjuncão dos dias jâ passastes.
E se ficastes para me ajudardes
A renouar meu sentimento esquiuo,
Não desacrediteis minhas memorias.
Que se còs Eccos meus vos encontrardes,
Achareis, que siruis mais para hũ viuo,
E que elles seruem soôs á mortas glorias.

SONETO. XXXXVI.

Tanto que sente enfraquecer o alento
Quebrado obrio, & jáa menos ligeyra
Co a longa idade, & vida derradeyra
Aguia a presa siguir cortar o vento.
Leuanta o mais que pode o voo isento
E firida do Sol desta maneyra
Dà no mar, recobrando a forsa inteyra
E com nouo vigor, nouo ornamento.
Quem não vee figurada a grande gloria
De hũa alma, cuja vida mal gastada
Com noua penitencia se melhora.
Ao alto se leuanta co a memoria
E no diuino amor toda abrasada
Caè no mar das lagrimas que chora.

SONETO. XXXXXI.

Na partida do Sereniſsimo Cardeal Alberto para Madrid.

Dexas ſin gloria, y lumbre, inclyto Alberto
Triſte el Reyno, que tan triſte hora llora,
Y con el almas que en ti mora, adora
Tu ſombra, en tanto deſconcierto, incierto:
Irà tras ti qual nel deſierto abierto
Con ſus bramidos tigre boladora
Vá ſiguiendo là mano, que atheſora
Su penor dulce, que recela muerto?
No, que correr tras ti no le aprouecha,
Sigue la madre al hijo de amor lleno,
El bien, que el ſigue le huye, y le deſecha.
Llore lueguo el paſſado tiempo bueno
Pues vino ſu biudes canſada y eſtrecha,
Criar por ſuyo, vn hijo, que era ageno.

TERCETOS.

Ao mesmo proposito.

Quando en medio del aspero camino
Descansa el, que camina de cansado,
A la sombra de vna haya fresno o pino.
Aquel descanso dulce y deßeado
Le viene para mas cansacio y pena
Hasta que ponga fin à su cuidado.
Y quando el tempestuoso cielo atruena,
Por largo tiempo, y con su horrido manto
Cubre la tierra de su lux agena.
Si en medio da quel triste y negro espanto
Vn poco se descubre, y cubre luego
Abiua la tristeza, y el quebranto.
Y quando en las montañas algun fuego
Apparece en la noche, al que perdido
Và sin hallar abrigo y medio ciego.
Redoblase el dolor, y mas crecido
Es el pezar, si le apagò el viento
O fue del labrador luego escondido.

No suele

No suele lastimar tanto el tormento
Si sin remedio alguno, o esperança
Del, Executa su furor violento.
Como si con los ojos cerca alcansa
El triste su remedio, y el lo dexa
Con solo aquel desseo que le alcansa.
No de l'hambre cruel, ni sed se quexa
Tanta lo mas del arbol, y agua clara
Que aora se le acerca, ora se alexa.
Ansina al triste, la fortuna auara
Para que mas le afflija y le castigue
Fauorable le muestra algo la cara.
Dandole en medio el mal que le persigue
Señal de bien, y luego vase huyendo
Del miserable, que la llama y sigue.
En llanto eterno estaua consumiendo
Lusitania los dias, y crecia
Mas con los dias su dolor horrendo.
Dende aquel lamentable que aporfia
De los hados nel Africano suelo
Su gloria sepultò, y su alegria.
Traxote el cielo para su consuelo
Y vnico plazer â darle prueua
Oy para mas dolor te lleua el cielo
Mejor no te truxera pues te lleua.

ECGOGA.

Fortunato. Felicio.

O' daquelle que naſce tributario.
Condição triſte, paga ou cedo ou tarde,
E pois o leua ao mar ſeu curſo vario
Ninguem ſe fie em Sol, quando mais arde.
Nem a vida ſe fie em ſeu contrario
Que por ella ha de vir inda que aguarde
Nem nos engane graça, & fermoſura
Hè do tempo, elle a leua que não dura.

Tudo que foy forſado, & violento
Pouco tempo durou, & acabou cedo,
Cortas Icaro o ar, cortas o vento
Sobes mais do que hê teu, ſem nenhũ medo.
Mas torna ao natural teu leue intento
Deyxando triſte o Pay, & orio ledo
Tambem nos enſinaſte Phaethonte,
Ser maes ſeguro o valle, do que o monte.

Andaua em sua barca fraca, & leue
Hũ Piloto ora à remos, ora a vela,
Seguro junto a praya, mas foy breue
Esta quietacão, que se foy della.
No mais alto do mar entrar se atreue
Siguindo nouo norte, & noua estrella,
Cobra a fraca barca, elle desmaya,
E julga então do golphão, & da praya.

Ouuireis de outra vaà temeridade
Queyxumes, & sentidos desenganos
E sirurà de exemplo à outra idade
Para que aprenda dos albeos danos.
Assi quando hũa nao cõ tespestade
Se perde nos maritimos enganos,
Se o sabio mestre os baxos não notara
Nenhũa ja maes delles escapara.

Perdido vae, desbaratado, & pobre
De esperança melhor de todo alheyo
Mudado o ouro rico, em bayxo cobre,
Buscando entre mil meyos, hũ soô meyo.
Iâa se veè laurador, & jàa o encobre
Debaxo de pastor o vão receyo,
De tudo foje, o ar, & a folha teme
Que n'aruore co vento bole, & treme.

De si proprio fugir tambem quisera
Porem fugir de si não pode agora
Se não fugio de si, quem jaà não era
Aquelle que jâa foy que nunca fara.
Ditoso se isto a morte lhe fizera
Não morrera mil mortes cada hora
E queyxase da vida ser tão forte
Pois sofrer pode o que não pode a morte.

Soò vae, mas de temores rodeado,
Pesada companhia que o persegue,
A morte leua â hũ, & â outro lado
Diante a morte, atras a morte o segue.
Qualquer tronco, & penedo julga armado
Duuida se lhe fuja, ou se se entregue,
Confundelhe o temor, & medo as cores
Que aonde culpas bâ, morão temores.

Qual esquadrão das aues que em pezares,
E mortes, tem o seu contentamento
Quando o vento lhe trouxe os graues ares
Do campo funeral, & peçonhento.
As nuues altas vão cortando â pares
As proas para donde sopra o vento
E dando na deserta sepultura
Cada qual sua morte alli procura.

Mil bordoes

Mil bordos, mil discursos faz cõsigo
Ora se vèè no mar, ora na terra,
Quando busca remedio à hũ perigo
Vèè que o remedio outro perigo encerra.
O mais fiel acordo acha inimigo
E quando acerta mais, então mais erra,
Acha mal sobre mal, & aconsciencia
Lhe rasga o coração sem resistencia.

Qual quando adormecido, aberta a boca
O Crocodilo tem âo Sol na praya,
O pequeno inimigo à entrar prouoca
Que esperando occasião perto se ensaya.
E como o coração horrendo toca
Primeiro o mata, que de laâ se saya
Inquieto co a morte o Crocodilo
Ora salta na praya, ora no Nilo.

As vezes espalhando ao vento magoas
Magoas ao vẽto em vão que o uẽto espalha,
Faz com a forsa vir aos olhos agoas
E chũa dor à outra dor atalha.
Respondẽlhe de longe as altas fragoas
Aonde o Ecco por subir trabalha,
E caindo outr aues dos altos montes
Assi soa nos valles, & nas fontes.

Fortunato.

Quem nos bens, & na gloria se confia
Nem teme da fortuna a roda leue,
Quem das prosperas cousas se não çia
Nem sabe que abonança hê muyto breue,
Em mi ponha seus olhos, que lhe cria
E veja o meu estado o fim que teue,
Que condição de Deos hè muyto antiga
A todos auisar quando hũ castiga.

Fuy ao maes alto cume aleuantado
Para que fosse mor minha caida,
E tão depressa fuy precipitado
Quão apreßada foy minha subida.
Leuantouse nhũ ponto meu estado,
Nhũ ponto minha gloria foy perdida,
Olhay para esta vida que gosamos
Subimos, & de cemos, nunca estamos.

Não hâ seguro estado nesta vida
Não se acha nella cousa permanente
E quanto for maes alta, & maes subida
Tanto be menos quieta, & continente.
A rocha alta hê de rayos combatida,
O valle humilde, & raso, isto não sente,
Ditoso à quem hũ vil estado esconde
Não tem donde cair, nem para onde.

Não sabe que valia, & preço seja
Dos bens que o mundo dà nem os conheçe
E não os conhecendo, não dezeja
E não os dezejando não merece.
Com os não merece, não os enueja,
E não os enuejando, não padece
Não padecendo, alegre, & ledo viue
Mas eu padeço a dor do bem que tiue.

O bem auenturados lauradores
Se conhecer souberdes vossa sorte,
Se souberdes escolha ter das cores
E diuisar do Sul, o claro norte.
Payxões, penas, cuydados, magoas, dores,
Ia mais prouarã em vos o fino corte,
Vos soò viueis, a vida he soò a vossa
Se hâ vida, que chamarse, vida possa.

Esta, nobre Similio conheceste
Por maes quieta praya, & maes segura,
Pois que deixando a Roma onde nasceste
Te vas viuer no cabo a espessura.
E tão quieta mente alli viueste
Que este titulo poens na sepultura
Aqui jaz o que largos annos teue
E sete scòs de vida, â vida deue.

Cò muyta razão tinha soò por vida
Aquella vida descansada, & solta,
Onde pedra não hà que agoa diuida
Que lhe torsa o caminho, & faça cnuolta.
Por valle raso busca ao mar saida
Serena, & branda sem meandro, & volta,
Onde não chega o tõ do brauo rio
Que surdo faz aquelle senhorio.

Que linda vista quando a esposa bella
De Tytono, vem dando a cor à terra
Ver que se vae do Ceo toda a estrella
E que hũa luz à outra luz desterra.
Por outra parte foje a sombra della
E pouco a pouco deixa o valle, & serra,
Para despois que o Sol formoso nasça
Das aruores cair cõ maior graça.

Pois que graça esperar o Sol que aponta
Lansando hũ rayo, & outro, atè que sae
Quando os primeyros montes passa, & cõta,
Despois nos encubertos valles cae.
E se esta gloria auezes lhe desconta
Fazendo que se encubra, & que desmae
Algũ bemestreado, & roxo vey
Que saudades faz na terra, & Ceo.

Começão á vistirse de esperança
Os campos tristes pella noyte escura,
O lirio, a viola, a rosa, alcansa
De nouo su antigua fermosura.
Os olhos de cristal, que a fonte lansa,
Maes puros saem jáa della maes pura,
E os rios cõ mansa, & clara vea
Dao à contar os grãos da branca area.

Nisto vendo o pastor o tempo certo
Para seu doce alegre, & saõ trabalho
Estando todo gado jàa desperto
Que o chama ao son do rustico chocalho.
Abrindolhe o currar cõ desconcerto
Pisando sae o matutino orualho
Atè que ao pasto custumado chega,
E o maes verde feno corta, & sega.

Mas não hê menos gosto ver na tarde
Quando de tras do monte o Sol se encolhe,
Quando respira o campo, & menos arde
Como outraues o gado se recolhe.
E ver como primeyro hũ pouco aguarde
Tè que o Rey do rebanho a estrada escolhe
E jáa quando entra em seu abrigo pobre
De triste sombra a negra noyte ocobre.

Mas ainda que a noyte esconda quanto
Podia aos olhos dar contentamento
Não leuanta tão alto o negro manto
Que encubrir possa o cristalino assento.
Nelle ceuando os olhos entre tanto
Se das estrellas tem conhecimento
As Hyadas as Pleyadas nomea
A'rude companhia que orodea.

O dbce vida quem te não dezeja?
Quem para sempre a vida não te empresta?
Desta vida se pode ter enueja
Onde o trabalho val, & o sommo presta.
Discreto emperador que se não peja
O Romano poder deyxar por esta,
Trocaste por repouso o grande imperio
O repouso troquey por vituperio.

Tão cego fica aquelle onde o bem mora
Que não pode estender o pensamento
Para cuydar que o bem que apalpa agora
Tornarse muy depressa pode em vento.
Estâ todo embibido naquella hora
E não veè, que não tem horas assento,
Isto me fez cuydar quando o bẽ tinha
Que o não visse mudado tão azinha.

Que voz he esta que rompendo os ares
Testemunha seu mal de tal maneyra
Que me tras á memoria meus pezares
Inda que delles esquecerme queyra.
De que reueses triste, de que azares
Da fortuna te queyxas, sempre inteyra
Contra nobres engenhos, da me parte
Que em tudo saberey acompanharte.

Fortunato.

Abrasa se me a casa em viua chamma
Não sey donde arde, ou donde me precate,
Não vejo donde o vento sopra, & clama
E cõ brauo furor na vela bate.
Callado nem, não lhe sabeis acama
O graue mal, que vêm para que mate
Hè qual Leão que com a cauda afea
As pisadas que faz còs pèes n'area.

Ou qual cauallo habitador marinho
Que para que seguro à terra saya
Co rosto para tras segue o caminho
Sem que ninguem na trilha assi lhe caya.
Não se conhece o mal se não vezinho
De subito vos toma, & então se espraya,
Qual Sotterrano rio que arrebenta,
Onde menos o mostra, & representa.

Iâa que não sabes donde o mal te nasce
Dizeme que mal hê, que assi se cura,
A boca o diga, pois o diz a face
Que mal do coração mal se assigura.
E julgaria mal quem me julgasse
Por estranho em qualquer desauentura
Que de muytos que entrarã neste seyo
condoerme aprendi do mal alheyo.

Isto faço tambem por interesse
Quiça co teu, meu mal assi se abrande
Como em brenhas, & matas acontece
Que pondo outro dauante ao fogo grande.
Hũ fogo, & outro fogo desfallece
Por mais q̃ embraueçido em chamas ande,
Ah' façamos à males contra mina
Que bem sabio quem bem se determina.

Fortunato.

Que aniso, que concelho tão suaue,
Se pudera a meu mal sofrer o freyo
Porem he para mi tão duro, & graue
Que não consente jàa remedio alheyo.
Hè de roda meu mal, eu tenho chaue
Eu soò sey desarmar seu cego enleyo
E quando da cidade fez apreza
Logo se assenhoreou da fortaleza.

EMBLEMAS.

¶ ESTES EMBLEMAS COlhi, assi de Pierio como de Paradino, por me parecer cousa noua em nossa lenguaje portuges. morrerão mal logrados, que bem morre, quem tão mal naçe, pois lhe falta o melhor que saõ as figuras, mas aduirto q̃ trato nelles como se as teuera cstã padas.

M 5 Sempre

Ao Duque.

Sempre verde em vosso arrimo.

No chão menos se estende
Menos enredos tece luxuriosa
Mas se algum muro prende
Assi trepa viçosa
Que perpetua verdura a Era goza.
Sem vos firme Coluna
Nenhũ ser me emmobrece ou gloria esmalta
Baixa hê minha Furtuna
Porem subida, & alta
Em quanto fauor vosso me não falta.

Mais por industria, que força.

Custuma a Aguia forte
Procurando de dar ao Ceruo leue
Mais appressada morte
Inda que a campo aberto â mais se atreue
Voarlhe entre a cabeça
E co as asas saco de â area espessa.
O fraco Animal cego
De alguã rocha assi se precipita,
Então faz ella emprego
E seu brauo furor nelle exercita
Mais auezes por manha
Que por forsa victoria alta se ganha.

Como

Como el Sol a las tenieblas.

Vedes este minino tão escasso
De hũa macaã que tem, & muito estima
Que se tomar lha vão, foje cobraço
E cõ muytos effeytos se lastima.
Se por ventura a Mãy chũ doçe abraço
E co peyto na boca o afaga, & anima
Da mão do braço, & da macaã se esquece
Teè que por si lhe cae, & se adormeçe.

Estes effeytos tem mimos do Ceo
Nhũ coração que còs de case enleua
Que fica como quem da agoa bebeo
Que na corrente esquecimento leua.
Se gloria se riqueza te vençeo
Se vaà speranca de algum bem te ceua,
Venha hũ mimo de Ceo ab'como esqueçem
E despois de esquecidos aborreçem.

Iniuisa

Tolluntur in altum.

Inimisa de Eterna
Tras o fero Dragão co a soberba Aue
Que as mais Aues gouerna
E cõ furia tan graue
Ao duro encontro saem.
Que enroscados às nuues se leuantão
E de sorte quebrantão
As forsas que sem vida, & alento caem
Que saõ grandes subidas
Dos soberbos, senão mores caidas.

A seu tempo.

Estas frescas espigas
Que o campo alegre de verdura pintão
Chegando à mais antigas
Virà tempo que sintão
Outra cor loura, & esta não consintão.
Obras da mocidade
São estas, que á verdura se comparão
Mas entrando outra idade
Melhores se declarão,
E quasi se enuergonhão das que vsarão.

Hypro-

Hypocrita.

Esta Aue ou Animal
Pois que só na apparencia se mostra Aue
Nem ter pennas lhe val
Para que ocorpo carregado, & graue
Leuante em voo leue
E os ares largos corra em tempo breue.
Figura bê que responde
A figura do Hypocrita fingida,
Que dissimula, & esconde
Os maos custumes da estragada vida,
E sô mostra de fora
Sinaes de deuação, & auezes chora.

Latet

Latet anguis in herbâ.

Vio-se Cleopatra catiua
E tanto isto alma lhe corta.
Que antes quer ser liure morta
Que sem liberdade viua.
Para o bem que determina
Hũa Aspid manda buscar,
E para poder passar
Entre bonina, & bonina.
Quem imaginar pudera
Que entre flores morte vinha,
Mas nem rosa hà sem espinha,
Nem sem mal bem nos espera.

Antes, que depois hẽ tarde.

Depois de largo tempo estar a terra
De verdura, de graça, & gloria pobre
Igual co valle raso a grande serra
Que outra serra maes alta de agoa a cobre
Da Arca que os Animaes todos encerra
A ver algũa terra lhe descobre
Hũa Pomba Noe aos ares lança
Co dezejo esforçando a esperança.

Ella que vae para que reconheça
Algua annosa faya ou monte antigo
Laa sobre a tarde antes que lhe anoyteça
Torna cansada a seu primeyro abrigo.
Ditosa alma que com ligeyra preßa,
Para Deos vem fugindo do pirigo
Antes que a morte venha, & a tome fora
Que em vão depoys por seu remedio chora.

Mi pro-

Diuide o agudo arado
A seca terra cõ trabalho muyto;
Mas ao colher do fruyto
Fica o laurador rico, & o boy cansado;
Ah' quanto em seu proueyto
Conuerte o merecer do albeyo feyto.

En marmol no en la arena.

Isto que talha, & aponta
Este homẽ triste em bróze ou marmor duro,
Hè hũa graue afronta,
E quem lha fez descansa, & anda seguro
Porem como em lembrança
Fica, mal se assigura, & mal descansa.

Qua

Quam pouco fica de tanto.

O ſoberbo, & diſcreto Saladino
Deſpois de ſojugar todo Oriente
Por eſte feyto de memoria dino
Nunca eſquecido jâa ſempre preſente.
Tanto que ſeu mortal duro deſtino
A hora derradeira chegar ſente
Manda leuar a mais delgada veſte
Nhũa aſta em alta voz, Saladino he eſte.

Là torpeza altorpe.

Este Animal enorme
Que em sordes se recrea, & se deleyta,
Se entre boninas dorme
Cama no cheyro, & na belleza aceyta,
Como se alli sintira.
O peor cheyro desmayando espira.
Ah torpe, & desonesto
Que em teus deleytes vaõs viues tão ledo.
Tendo o mais por molesto

Al fin ſe canta la gloria.

Polycrate Tyranno
A quem nunca fortuna deu de roſto
Quiz procurar hũ dano
Por ver aque ſabia hũ ſoò deſgoſto
Que lhe enfada hũa vida
Sem nenhũ infortunio poſſuida.
Hũ anel de alto preço
Manda, que no mar largo ſe lancaſſe
Crendo que eſte ſucceſſo
Co a lembrança da perda omagoaſſe
Quiz triumphar deſta arte
Da fortuna que tem da ſua parte.
Mas quando deſcuidado
Cuidaua que eſta perda ſintiria
No ventre foy achado
De hũ pexe, que em preſente lhe trazia
Vn pobre peſcador
Que pudera de pobre, ſer ſenhor.
Fortuna que o ceuaua
Com eſtes mimos vãos, & vaos afagos,
Ao longe lhe guardaua
Em pago delles, amargoſos tragos
Vioſe morto, catiuo,
Exemplo eterno, para todo o viuo.

Al vencido la victoria.

Parte de sangue tinta
E parte em nobre Palma transformada,
Aqui se mostra, & pinta
Esta fermosa espada
E por cima de tudo coroada.
Esta he aquella crua
Porem não crua mas de summa gloria
Que contra hũ Martyr nua
Com eterna memoria
Lhe deu por catiueiro alta victoria.

Mere-

Meretricia procacitas.

A Era se com seus nòos
A qualquer arvore abraça
Roubalhe a verdura, & graça
Que a primavera lhe pòs.
Cae a flor, com que se arrea
Toda sua gloria perde,
A Era soô fica verde
A custa da perda alhea.
Esta condicão esquiva
Tem a pouco esquiva Dama,
Que àquelle, que a serve, & ama,
Da vida de honra, & ser priva.

Minha queda me leuanta.

A pela tão vſada
No exercicio do nobre cortesão,
Então pula do chão
Quando hè com mil reueſes rechaçada
Rebates da ventura
Leuantão mais a hũa alma em Deos ſegura.

Compite con la Natura.

Aquelle Emperador Domiciano
Em diſpidir a ſeta tão deſtro era
Que por moſtrar o engenho ſoberano
Pregou duas de ſorte nhũa fera.
Quẽ cauſaua de longe á viſta engano
Como ſe com dous cornos eſteuera,
Quantas couſas faz arte com deſtreza,
Que pareçe que as fez a Natureza.

Peccatum

Peccatum.

De hũas Aues celebra o Mantuano
E de outras a ſoberba Fama conta
Cujas feycões de bello roſto humano,
A cauda de ſerpente, lhe deſconta.
A trahem com aquellas, mas em dano
E morte crua teem a cauda pronta,
Figura do Peccado moſtra, & trata
O fermoſo que teem, deſpois nos mata.

Tais tempos taes tentos.

Quando o porco eſpim arma à caſa pobre
Duas portas de induſtria lhe fabrica
Hua deſcobre o ſul, outra deſcobre
O Norte, aſsi ſeguro ao tempo fica.
Quãdo o Sul vẽta, a do Sul fecha, & cobre
Quando o Norte a do Sul ao ar publica,
Prudente condicão diſcreto auiſo
Para fugir do tempo o perjuizo.

De la musica enemigo.

He certa natureza da Onça estranha
Entre outras varias condições, que segue,
Que ouuindo algum pandeiro assi se assanha
Que porque o não persegue, se persegue.
Assi propria se rasga, & desentranha
Tee que co sangue, & vida o campo regue,
Oh barbaro, & silueſtre entendimento
Se a musica do Ceo te dâ tormento.

El tiempo lo aperfeciona.

Feo sem parecer, & sem figura
Hè do torpe vsso o parto, quando nace
Não sabeis em que parte a vida dura,
Nem donde, ou porque vea o sangue paſſe.
Mas co tempo lambendo, lhe afigura
A mãy naris, boca, olhos, fronte, & face,
Da mocidade vaã isto se entenda,
Que o tempo tudo apura, & tudo emmẽda.

Corona para la muerte.

O corpo morto sem alento, & gloria,
Despojada da graça, & viuas cores
Antiguamente temos por memoria
Se ornaua de coroa de mil flores.
Era certo final da alta victoria
Que alcançaua da vida, & suas dores
Ay, & quam differente serâ aquella
q̃ Deosnos tecer de bũa, & de outra estrella.

In hunc.

Ferida das serpentes no deserto
A libertada pirigrina gente,
Moyses, que o Ceo por si tem sempre aberto
Leuanta de metal outra serpente.
Quem nella os olhos poem, remedio certo
A mais mortal ferida logo sente,
O figura de hũ Christo na crux posto,
Que espera que ponhamos nelle o rosto.

Melhor

Melhor cos males.

O Famoso Animal de nobre brio
Que os campos pisa cõ dourado arreyo
Se em algum apartado, & soô desuio
Prouou do fero lobo o dente feyo.
Se daquelle pirigo passa o fio
Melbor, & mais audâs mastiga o freyo
Dos males sae o generoso peyto
Quando delles escapa, mais perfeyto.

Voy tras quien tener no puedo.

Tras este pexe de figura incerta
Que se não julgará se he pexe, ou cobra
Vae este pescador co a mão aberta
Aqui cae, alli se ergue, alli se dobra.
Mas quando o toma, quanto mais o aperta
Mais lhe foje, sem fruyto innutil obra,
Taes saõ as cousas deste mundo vão
Tanto mais fora, quanto mais na mão.

Mudou o ninho a Cegonha.

Eu que nas mais soberbas torres tinha
O ninho amado como em mais seguro,
A quem do Ceo primeyro o orualho vinha
E primeyro do Sol o rayo puro,
Agora por desdita, ou culpa minha
No chão á mil desastres o auenturo,
Mudança d'alma vaã, que se desterra
De Ceo seguro, á pirigosa terra.

Mas vn bueno que mil malos.

Tanto que arma no mar a casa leue
Alcyone, ou na praya, & branca area,
Somete logo as ondas que altas teue
O vento cansa, & seu furor refreya.
Qualquer pequena barca então se atreue,
E sem temer naufragio o mar rodea,
Tal hè bũ justos oò, que à Deos obriga
Que os maos por seu respeyto não persiga.

Vida

Vida de amantes.

Na brasa mais isenta
A Salamandra viue enregelada
E nella se sustenta
Aqui se vee pintada
A vida triste da Alma enamorada.

Té que dêe volta perfeyta.

Continuo mouimento
Traz a fermosa Irmãa do alto Planeta
Sem ter ja mais assento
Com virtude secreta
Em crecer, & minguar, sempre inquieta:
Andarà nesta roda
dando ao largo mar prata, & lux ao monte
Atè que cheatoda
Co Pay de Phaetonte
Veja immudauel jâa nouo Orisonte.
A Catholica Igreja
Andarâ de oppreßoes atribulada
Atè que hum dia seja
De todos Mãy chamada
E de perpetua paz remunerada.

Ambos bonança, hũ tormenta.

Quando no largo mar à Nao que cansa
Lidando cos assaltos da horrida onda
Se mostrão os dous Irmaõs, certa bonança
Prometem, com que o tempo lhe responda.
Mas tempestades brauas, sem mudança
Se hũ delles appareca, & outro se esconda
Naufragio a Nao do matrimonio espere
Quando nelle a concordia se adultere.

Segura pobreza.

Quando la do alto centro a terra treme
E total destruicão nos ameaça
Do mais alto edificio mais se teme
Que mais depressa então ruina faça.
A casa pobre so de taipa estreme
O pirigo segura, & liure passa
Ay pobreza do Ceo, riqueza triste
Nunca soscego, nem repouso viste.

Quem dilata mata.

O Animal pequeno que se cobre
De agudo espinho, & como seta o trata,
A dor do parto de maneyra encobre
Que para muytos dias o dilata.
Creseelhe o ventre, & faz q̃ ador se dobre
Que agora o poem no fim, agora o mata,
Iusto castigo, & merecida pena
De quem para a manhaã, o de oje ordena.

Cosi viuo piacer conduce a morte.

A simples Borboleta
Tendo o lume por brando, & por humano
Chũa amorosa teyma
Não descansa ja mais nem se aquieta,
Tè que nelle se queyma,
Quantos seguem seu dano
Leuados da apparencia de hũ engano.

Esperança

Penitencia.

Tanto que graue o corpo o vſſo ſente,
A cabeça, peſada, & a viſta eſcaſſa
Buſca hũa eſcura coua em continente
Aonde ſolitario a vida paſſa.
Soô co lamber dos peès viue contente,
Sem outro doce fauo, nem mais caça
Ditoſo o que do trato humano fora
Arrependido ſuas culpas chora.

Amor.

Romance. I.

Ageno de ſus plazeres
no de pezares-ag-no
que à vn cuerpo triſte acuden
como al muerto abuyres fieros
Al pie de vn lothos, q̃ al Sol
eſta las ojas abriendo
y el ſiempre como el lotos
en noche, encogido y yerto.
Deſconoſcido del mundo

Quando me poſſeo vn hora
â mi miſmo me aborreſco
y agora que ando perdido
por me recobrar me pierdo
Tras el diſſeo me voy
que aun me queda mi deſſ
mas querer me hallar ſin m
es ſegundo de vaneo.
Al viento por mi pregunt
mas en vano en viento eſp
pues viento por viento hê
queda la eſperança en vi
Doy ſeñales de quien fuy

Como nube en quien pelean
exhalaciones contrarias
causa de truenos horrendos
rebienta en estas palabras.
Que viento turba la mar
de mi quietud sosegada
que velo obscuro me cubre
el claro cielo del alma?
Donde nascen las memorias
si en oluido reposaua?
si frias cenizas eran
dõde se encienden lasbrasas?
Ay dulce memoria mia
aũ que eres memoria amarga
ya te veo en mi desdicha
vn Phenix en mis entranbas.
Si supiera este milagro
quiça a grande no llegaras
como dentro en mi nascias
yo te quebrara las alas.
Vn niño tierno en la cuna
ayradas serpientes mata
pesien nascidas memorias
si apoderan de mi casa?

De que me quexo y lastimo
escusada era la traca
si dellas supiera entonces
ya no pudiera matallas.
Antes lo hiziera en mi daño
que son como la hydra braua
y si dos alas tenian
le nascerian dobladas.
Biuid memorias biuid
largos años, y horas largas
mas no me acorteis las mias
sanguexuelas de mi alma.
Solo vn consuelo me queda
gusanos de mis entrañas
que quando mi vida hilais
la vuestra tambien se acaba?
Soys como tristes Abejas
que experimentan su saña
y dexan la vida suya
quando con el pico agrauian.
Ya veo seca y marchita
la gloria y flor de mi cara
como se marchita y seca
el fresno q̃ la hyedra enlaza.

Si tal

Si tal haze vna memoria
que de muerta se leuanta
que hazañas harâ en mi daño
despues de tomar las armas?
No te Aflijas coraçon
que si d'ante muerta estaua
es tu sombra que te asombra
como de vna alma passada.

Romance. IIII.

A hũ pretendente em coimbra, perdendo hũa cadeyra.

Como cieruo aquien cayò
de su frente la alta gloria
busca con ligeiro curso
la mas solitaria sombra.
Tal despues q̃ te han negado
la merescida corona
com mucha razon te abscõdes
porque tu afrenta se abscõda.
Como pensatiuo, y solo
mides tu ventura corta
rebientas en estas quexas
que el justo dolor prouoca.
Puse por desdicha mia
Coĩbra en tus manos mi hõra
y manchastela de sangre
como de Ioseph la ropa.
Engañote la apparencia
del que robò la victoria
que en competẽcia de Moyses
los Magos milagros forman.
Parecido te hà serpiente
Por tal se ostenta, y pregona
hallaras le innutil vara
si le palpas y le tocas.
Blanco es el hueuo del Aspid
blanco y lleno de ponçoña
y los soberuios sepulcros
de cuerpos muertos se adornã
Siempre empeoras lo bueno
lo malo siempre mejoras
y con dañada ellection
escojes como la loba.
Eres la fuente de Epyro
que vna acha encẽdida aboga
y otra que và sin llamá
encendida en llammas torna.
Hurtaste la condicion
y naturaleza de otra

que echa

TAVOADA.
DOS SONETOS.

Agloria do edificio, o louuor alto fol. 60.
Aquella Aguia gentil de vista estranha. fol. 70.
Argos para outras cousas. Polyphemo. fol. 79.
Ado vas esperança mal regida fol. 84.
Aquelle que hè da bibora mordido. fol. 77.
Buscando ando ventura, & não dou nella. fol. 76.
Como despois de tanta idade de anno. fol. 83.
Dizey os que alcansastes, & perdestes. fol. 73.
Duuidão se a sculptura he maes perfeyta. fol. 69.
Da virtude que moue os Ceos depende. fol. 63.
Dijs placitum cæli quandam est in ora. fol. 66.
De hũa esperança vaà suspenso mouro. fol. 71.
Do brauo mar aonde as voltas ando. fol. 72.
Dayme razão Baptista que conclua. fol. 80.
De hũa grande Rainha do Oriente. fol. 81.
De fundo sobe do mar Indio a cima. fol. 81.
Dexas sin gloria ylumbre inclyto Alberto. fol. 85.
Espanta crecer tanto o Crocodilo. fol. 61.
En la noche el camino de horror lleno. fol. 65.
Enfim que me cortais o fio leue. fol. 73.
E clypsouse teu Sol quando nascia. fol. 77.
Eccos de minhas glorias que ficastes fol. 82.
Encubre de sus rayos la lux pura. fol. 83.
Fortuna ingrata porque me presegue fol. 72.
Fujo de mi quando me não preccato. fol. 75.
Famoso Alcides que nos hombros altos fol. 75.

Iaà tramon-

Jaá tramontado o Sol do aſſento puro. fol. 67.
Jaà que tão bom concelho vos enſaya. fol. 71.
Lanſado ao pee de hũ monte onde rebenta. fol. 64.
La nhũa eſtranha, & ſolitaria terra. fol. 65.
Menos ſente não ver quem cego naſce. fol. 78.
Na tenebroſa noyte o caminhante. fol. 60.
Neſte arduo laberintho onde me guio. fol. 61.
No rio Eufrate hũa erua ou flor ſe cria. fol. 63.
Nunca ſe vio tão duro coração. fol. 76.
N'hũ ſeco ramo nù de fruyto, & folha. fol. 79.
Paſtora mia, gloria de la vida. fol. 84.
Qual Hercules eſtrella jaà mudado. fol. 62.
Qual nunfragante miſero que cae. fol. 62.
Quaes no ſoberbo mar â nao que canſa. fol. 64.
Que nube de oro es eſta que hermoſea fol. 66.
Quem quiſer que ſeus ays ouento leue. fol 68.
Qual miſero Caliſto quando atenta. fol. 69.
Que mal he eſte meu tão differente. fol. 74.
Quando auezes â mi, por mi pergunto. fol. 74.
Quando as ceruleas ondas no mar alto. fol. 80.
Rico Almazom que Deos eſtima, & preza. fol. 70.
Sentindoſe de forſa, & vigor falta. fol. 68.
Seguro eſtado da cidade, & gente. fol. 78.
Triſte do que em triſteza paſſa o dia. fol. 67.
Tanto que ſente enfraquecer o alento. fol. 82.

TERCETOS.

Quando en medio del aſpero camino. fol. 85.

ECLOGA.

O' daquelle que naſce tributario. fol. 86.

EMBLEMAS.

TAVOADA.

EMBLEMAS.

A ſeu tempo. fol. 95
Antes que deſpois he tarde. fol. 96.
Al fin ſe canta la gloria. fol. 99.
Al vencido la victoria. fol. 99.
A ninguno. fol. 104.
Amor. fol. 106.
A alma aonde ama alli anima. fol. 108.
Amor. fol. 109.
Ambos bonança hum tormenta. fol. 105.
Como el Sol a las tenieblas. fol. 94.
Compite con la Natura. fol. 100.
Corona para la muerte. fol. 102.
Coſi viuo pracer conducc à morte. fol. 105.
Dela muſica enemigo. fol. 101.
En marmol no en la arrena. fol. 97.
El tiempo lo aperferiona. fol. 101.
Eſperança da outra vida. fol. 106.
Eſta al Sol yo à mi Dios. fol. 107.
Hypocrita. fol. 95.
Hei mihi quod nullis. fol. 107.
In hunc. fol. 102.
Ingenij largitor. fol. 104.
Latet anguij in herba. fol. 96.
La torpeza al torpe. fol. 98.
Ley ſem ley. fol. 104.
Mais por induſtria que forſa. fol. 94.
Mi prouecho de mi daño. fol. 97.
Meretricia procacitas. fol. 100.
Minha queda me leuanta. fol. 100
Melhor còs males. fol. 10
Mudou a ninho a Cegonha. fol. 1

M

TAVOADA.

Mas vn bueno, que mil malos. fol. 103.
Morte de Chriſto, & da morte. fol. 107.
Odioſo herdeyro. fol. 106.
Peccatum. fol. 101.
Penitencia impenitente. fol. 108.
Primeiro à todos que à nos. fol. 108.
Penitencia. fol. 109.
Quem me da vida me mata. fol. 97.
Quam pouco fica detanto. fol. 98.
Quem dilata mata. fol. 105.
Sempre verde em voſſo arrimo. fol. 93.
Sie vos non vobis. fol. 97.
Segura pobreza. fol. 105.
Tolluntur in altum. fol. 95.
Taes tempos, taes tentos. fol. 101.
Tè que de volta perfeyta. fol. 103.
Voy tras quien tener no puedo. fol. 102.
Vida de amantes. fol. 103.
Vn fuego con otro fuego. fol. 104.

ROMANCES:

Ageno de ſus plazeres. fol. 109.
Altempo que los del Fiphines. fol. 117.
Al peê de hũ Coruo peñaſco. fol. 119.
Al ſom de los leues remos. fol. 121.
Agoas puras del mondego. fol. 135.
Anda na mor calma o Mundo. fol. 136.
Como ſeruo a quem cayò. fol. 111.
Cançado & porluxu dia. fol. 115.
Cuberta de eſpeſa nuue. fol. 135.
De las ay mortas ſinizas. fol. 110.
Dulce pencamento. fol. 114.
De negro viſtida toda. fol. 133.
En las arrenoſas playas. fol. 120.

El Sol

TAVOADA.

El Sol yua diclinãdo. fol. 123.
Em vano dezea a liuio. fol. 125.
El codo sobre la rena. fol. 126.
Iunto a hum Rio o peè de hum freyxo. fol. 136.
Iunto a hum Rio de seus olhos. fol. 137.
Los ojos los tristes ojos. fol. 117.
Mi esperança, & mi vintura. fol. 110.
Orilhas del craro Rio. fol. 113.
Por mis entranhas abris. fol. 112.
Por a largar la cadena. fol. 112.
Que a veé me robou tan fera. fol. 114.
Rompe mi lengua el silencio. fol. 114.
Remedio sempre de tristes. fol. 127.
Tardas pensamiento tardas. fol. 114.

GLOSSAS.

A Ado la ventura fol. 118.
A do estàs que no te veo. fol. 121.
Ay sombra alegre ay noche venturosa. fol. 130.
C Cansado y proluxo dia. fol. 115.
Conuertida em duro marmol. fol. 116.
Conuertida en duro marmol. fol. 116.
Cabrillas buscad pastor. fol. 128.
D Dizidme lagrimas mias. fol. 119.
Do me sube mi esperança. fol. 123.
Descuidos que me quereis. fol. 132.
E En la peña, sobre la peña. fol. 118.
L Las tristes lagrimas mias. fol. 124.
Lexos vá mi pensamento. fol. 126.
M Mi querido amor nascio. fol. 126
N No me voi, que con vos quedo. fol. 122.
Ni mas alto pensamiento. fol. 13
Não vejo o meu bem presente. fol. 1

Outro

O.

Outro fuy, otro me v. fol. 117.
O larga esperança vana. fol. 127.
Olhos que não vem. fol. 132.

P.

Prendiome el amor prendiome. fol. 122.

Q.

Que todo en fin es morir. fol. 125.
Ques de la fee que me diste. fol. 128.
Que hazeis cabrillas aqui. fol. 128.
Que son noche del alma los cuidados fol. 131.
Quem me quizer nouas dar. fol. 131.
Quem daa vida, como mata? fol. 132.

R.

Recuerda pastor. fol. 124.

S.

Sacaronme los pezares. fol. 119.
Soñaua madre que via. fol. 120.
Sin cuidados nasci yo. fol. 120.
Si el sos piro dà pasion. fol. 123.

T.

Todo me cansa y dá pena. fol. 124.
Tal estoi que os he dexado. fol. 129.

V

Vin con migo y sin mi voi. fol. 121.
Vna red a vna aue armè. fol. 129.

FIN.

INSTITUTO DE HISTÓRIA DA EXPANSÃO E DO COLONIALISMO
Faculdade de Letras - Coimbra

CF
B
2
7